

Párias da Terra: o MST e a mundialização da luta camponesa*

de Deni Alfaro Rubbo

A outra face do MST

The Other Face of the MST

por Maycom F. Nascimento*

Estudar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é uma tarefa de envergadura que exige fôlego intelectual e rigor teórico e metodológico a quem se propõe cumprir tamanha empreitada. Certamente este foi o caminho trilhado pelo Sociólogo Deni Rubbo. O livro *Párias da Terra* é resultado da pesquisa desenvolvida e defendida por Rubbo no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).

O trabalho objetivou-se estudar o percurso histórico das relações internacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Vale frisar, na introdução do seu livro o autor chama a atenção do leitor que ao estudar a internacionalização do MST no seu trabalho “*não significa dizer que o movimento se reproduziu copiosamente em outros países*” (Pg. 19). Luiz Bernardo Pericás, que escreve o prefácio da obra, diz que Rubbo se vale de uma calorosa bibliografia para dar conta do seu trabalho. Passeia por nomes como José Aricó, François Chesnais, Enrique Dussel, Alberto Flores Galindo, Lucien Goldmann, Antonio Gramsci, David Harvey, Eric Hobsbawm, Octavio Ianni, Fredric Jameson, Michael Lowy,

* São Paulo: Alameda, 2016.

* Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém-PA, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. End. eletrônico: maycomdouglassf.10@gmail.com

George Lukács, José de Souza Martins, Ariovaldo Umbelino, Chico de Oliveira, Caio Prado Júnior e João Pedro Stédile, dentre muitos outros.

Nesse horizonte, o trabalho de Rubbo merece um olhar atento daqueles que se dedicam a estudar as problemáticas do mundo rural por trazer questões tão caras para sociedade brasileira – *a questão agrária e a luta social camponesa latino-americana* – porque evidencia novos termos de lutas e resistências nos campos teórico e prático para entender o capitalismo periférico dependente, em particular, desse *Brasil profundo* (Corrêa, 2014), por um movimento que emerge na cena social em pleno processo de redemocratização da sociedade brasileira e que vai se posicionar num campo contra-hegemônico trazendo à baila novos temas e personagens com vista a problematizar a modernização conservadora feita *pelo alto e para os poucos*, como nos adverte Florestan Fernandes (1978; 2008).

O livro está dividido em quatro capítulos. No Capítulo I, intitulado “*notas sobre a América latina e MST*”, o autor mostra e avalia as dificuldades teóricas e a superação que o marxismo latino-americano enfrentou para analisar a formação histórico-social do desenvolvimento capitalista no subcontinente, e para explicar esse fenômeno o autor se vale da “aplicação” da corrente marxista na América Latina, que vai desaguar num “*desencontro entre o primeiro e a segunda*” (p. 54) por duas tentações: o “exotismo indo americano” e “europeísmo”, conforme Lowy (2006) e Ricupero (1998). Logo após, apresentar-se-á o marxismo desenvolvido por José Carlos Mariátegui como possibilidade da superação de ambas tentações.

Já no II capítulo, “*Vocação internacionalista do MST*”, Rubbo procura trazer subsídios para compreender a construção do processo das relações internacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, num contexto que marca o surgimento e a consolidação do movimento no Brasil, entre o período de 1979 e 1992. Para dar conta do proposto, o autor transita pela originalidade do movimento que impele na “vocação internacionalista” dos quadros diretivos do MST desde seu processo de evolução às precedências e condicionantes no plano político e econômico, que resultaram num desenvolvimento particular do campo; a Teologia da Libertação, que se apresenta no corpo diretivo e a contribuição de elementos subjetivos para a construção de uma identidade latino-americana e o exercício na mediação com outros movimentos populares do campo na América Latina são elementos fundantes para desvendar analiticamente esse processo.

Nesse momento, o MST ensaia suas relações com outras ações coletivas populares, camponesas e indígenas, espalhadas pelo continente latino americano, o que aponta para um *Trabalho de Tradução intercultural* (Santos, 2004, 2006; Santos et alii, 2010) para fazer emergir novas experiências sociais de lutas e resistências que estão invisibilizadas pelo paradigma epistemológico ocidental moderno. Aqui

reside a riqueza do trabalho de Rubbo expressa nos caminhos e análises feitas por ele para explicar essa tendência internacionalista do MST.

O Capítulo III, “*mundialização do campo e as lutas agrárias transnacionais*”, se detém na ação política internacionalista do MST a partir de meados da década de 1990, período de novos elementos. O objetivo traçado pelo autor aqui pauta-se nas recentes mudanças políticas e econômicas de avanço do capitalismo “mundializado” (Chesnais, 1996), sob o programa “neoliberal” (Harvey, 2008), e seu impacto no setor agrícola, que passa por um processo de intensa internacionalização de seus produtos. Segundo Rubbo, “para que se possa entender e avançar sobre as mudanças contemporâneas do processo de produção e reprodução do capitalismo ocorridas no campo é preciso ter em vista que sua dinâmica está pavimentada por leis (naturais ou religiosas)”.

Rubbo explica que um dos fatores que teria levado o MST a esse processo de internacionalização do seu movimento seria o novo modelo de agricultura assentado no agronegócio, sendo ele decisivo para que o MST e outros movimentos camponeses tomassem a iniciativa de ir buscar a articulação política sob diversas dinâmicas e nos diferentes países do continente latino-americano. Nesse prisma, o MST avança na condição de construir uma identidade de resistência frente ao modelo de desenvolvimento proposto para o mundo rural brasileiro.

Por fim, o capítulo IV, “*o internacionalismo multidimensional do MST*”, analisa a construção da ação exterior e transnacional do MST no bojo das atividades no que tange aos diferentes setores do movimento, dentre eles: *formação, educação, produção, comunicação, direitos humanos, “mística” e cultura*. Nesse sentido, apresentar-se-á, num primeiro momento, como dimensão internacional do MST o trabalho da “mística”, que segundo a obra é uma política cultural que gera uma identidade sociocultural no militante sem-terra.

Rubbo destaca que a relação e articulação “*orgânica*” (p. 229) com a Coordenação Latino-Americana de Organizações do Campo (CLOC) e a Via Campesina é a principal peça dessa atuação política internacionalista do MST. E ressalva que essa relação não se dá somente no campo social. Ela transcende para outra esfera do campo civil, a *relação social estatal* (p. 230).

O trabalho de Deni Ireneu Alfaro Rubbo ganha relevância ao problematizar novas questões e contribui para o surgimento de novos elementos de investigação no campo teórico, político e epistemológico. Posicionando-se como um retrato, é leitura indispensável para quem deseja conhecer a história do MST e atuar enquanto intelectual público nas questões que envolvem o espaço agrário brasileiro e latino-americano.

Bibliografia

- CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes (2014). *Questões históricas e atuais do debate sobre o tema do desenvolvimento no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). UFCG, Campina Grande-PB.
- CHESNAIS, François (2007). As contradições e os antagonismos próprios ao capitalismo mundializado e suas ameaças para a humanidade. *Outubro*, n. 16, São Paulo.
- FERNANDES, Florestan (2008). *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. São Paulo: Global.
- _____ (1987). *A revolução burguesa no Brasil: ensaios de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- HARVEY, David (2008). *O neoliberalismo: histórias e implicações*. São Paulo: Loyola.
- LÖWY, Michael (2006). Introdução: pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- RICUPERO, Bernardo (1998). Existe um pensamento marxista latino-americano? In: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo (orgs.). *América Latina: história, ideias e revolução*. São Paulo: Xamã.
- Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula Menezes (Orgs.) (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- _____ (org.) (2006). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez.
- _____ (2004). Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento Prudente para Uma Vida Descente: Um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez.